

“O país precisa de poesia... e de pão”

O marido quer poesia para o país, ela acrescenta o pão. Uma conversa de vida com Mafalda Durão Ferreira, a pragmática e inteligente mulher de Manuel Alegre, que quer ser primeira-dama

ENTREVISTA DE CRISTINA FIGUEIREDO E MAFALDA ANJOS

FOTOGRAFIAS DE ANA BAIÃO


Difícilmente Mafalda Durão Ferreira passaria despercebida seja onde for. Alta, bonita, voz possante, atitude carismática, inteligência notória. Mas quando se é mulher de um dos mais marcantes políticos portugueses, os holofotes estão naturalmente virados para quem está ao seu lado na vida há 40 anos. Injustamente. Mafalda é muito mais do que só a mulher de Manuel Alegre. Reformada aos 60 anos (hoje tem 62), esteve toda a vida ligada às questões da emigração, onde ascendeu a subdiretora da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas. Tem ideias próprias, incluindo

políticas, por vezes dissonantes das cúpulas e até das do seu marido. Recebe-nos, gentil mas educadamente distante, na casa da família, recheada de memórias e livros em todos os recantos. Alegre sai para nos deixar à vontade e, confidencia em tom divertido, “ir tratar de algo politicamente incorreto: a licença de caça”. Toda a família está a gozar os últimos dias de descanso antes de partir para mais uma corrida à Presidência da República. Para Mafalda Durão Ferreira, os próximos meses serão um *déjà vu*. Prepara-se para fazer a segunda campanha presidencial ao lado do seu marido, Manuel Alegre, com a convicção “sincera” que será a próxima primeira-dama portuguesa ou, como ela prefere dizer, a mulher do Presidente.

Estava à espera de voltar a ser a mulher do candidato presidencial? A partir de certa altura sim. Comecei a ver essa hipótese desenhando-se com muita nitidez no meu horizonte. **Como acolheu a ideia?** Com naturalidade. Quando se está casada com um político há quase quarenta anos, uma pessoa tem de estar preparada para tudo. Mais: está naturalmente preparada para tudo. Esta decisão é coerente com todo o seu passado, mesmo o mais recente. Na outra candidatura, ficou a 30 mil votos da segunda volta, o que deixou uma sensação de missão inacabada. Ninguém no espectro político manifestou a sua disponibilidade, seguiram-se uns meses expectantes para ver se aparecia alguém, e assim mais se concretizou a

REFÚGIO MAFALDA
FOTOGRAFADA NA FOZ
DO ARELHO, ONDE
PASSA FÉRIAS COM A
FAMÍLIA ANTES DE
COMEÇAR A CORRIDA
PRESIDENCIAL. ESTARÁ,
COMO EM 2005,
AO LADO DO MARIDO





PRAZERES TOMAR UM BANHO DE MAR É UM DOS SEUS MAIORES GOSTOS. JUNTAR A FAMÍLIA É OUTRO: "SOU UMA CRENTE NOS AFETOS. NA SOLIDARIEDADE, NA CUMPLICIDADE. SÃO O CIMENTO DA VIDA"

hipótese de formalizar a sua candidatura. Por outro lado, a atuação do atual Presidente da República, com todo o respeito que lhe devo e tenho, deixava margem para uma alternativa. Vários segmentos da sociedade não se reveem no desempenho que ele tem tido e na forma como tem atuado em certas circunstâncias. Portanto, pareceu-me sempre que isso ia acontecer. **Incentivou-o a candidatar-se, ou teria preferido que ficasse sossegado?** Não, não o incentivei nem desincentivei.

Não interfere nessas decisões? As decisões dos políticos, quando são decisões sérias, são solitárias. Depois pode-se ouvir a família — e foi o caso —, ponderar prós e contras, preparar as pessoas psicologicamente para o que

vai ser o futuro próximo, etc.

Manuel Alegre tinha saído da Assembleia uns meses antes, e poderia ter alimentado o desejo ou a ilusão de que ele se reformasse da política. Essa é uma ilusão que eu nunca tive (sorriso). Ele é do tipo de pessoa para quem a política não surgiu por acaso, não foi um acidente de percurso, faz parte da luta que viveu toda a vida. Talvez seja um traço geracional. Nunca pensei que ele se reformasse da política, de uma forma ou de outra iria sempre continuar a intervir.

Sendo a Mafalda uma pessoa discreta e reservada, custa-lhe voltar à exposição pública que acarreta uma campanha presidencial? Acho que se criou essa ideia.

Não é? Não sou uma pessoa que procure a

exposição pública, mas também não fujo. Na outra campanha acompanhei o meu marido para todo o lado, até tirei férias nesse mês. Podia não tê-lo feito, algumas mulheres não fazem campanha.

Porque é que para si foi importante estar com ele naquele momento? Porque penso que é um ato solidário. Não sou um animal político, mas não sou uma criatura apolítica. Gosto de participar, de ver como as coisas se passam e de ser eu a fazer a minha própria apreciação. Estar a decorrer uma campanha de que eu só recebesse ecos através de terceiros ou da comunicação social era algo que não me passava pela cabeça. Queria acompanhá-lo e acompanhê-lo.

Gosta da campanha eleitoral? É útil, faz senti-



nicação social, mas que é importante para as pessoas que contactam com os candidatos, e vice-versa. E a relação pessoal e direta é mais importante sobretudo nesta altura em que o país vive uma situação tão difícil.

E é diferente o sentimento e forma de encarar a campanha, agora que o seu marido tem o apoio do Partido Socialista? (pausa) Sim e não. O meu marido é uma pessoa independente, sempre foi. Como o provou e comprovou ao longo da sua passagem pela Assembleia da República. O facto de neste momento ter o apoio do Partido Socialista não retira uma gota ao carácter cívico e de cidadania que a candidatura dele teve há cinco anos atrás, e tem agora. Esta não é uma candidatura restrita ao Partido Socialista. Pela sua natureza, pelo facto de se ter disponibilizado, avançado e feito vários discursos muito antes do PS ter decidido apoiá-lo, ele conquistou um espaço próprio independente. É uma candidatura de cidadania que, por acaso, tem o apoio do PS e do Bloco de Esquerda. Em termos de organização da campanha vem facilitar um pouco as coisas, mas do ponto de vista da essência da candidatura não altera nada.

Mas na anterior candidatura havia uma certa dimensão poética — o cavaleiro solitário contra tudo e contra todos —, que dava um grande élan. Penso que essa dimensão poética atravessa permanentemente a atividade política do meu marido, está sempre presente. Talvez a diferença não esteja tanto nele, mas mais no olhar das pessoas. Na sua disponibilidade para olhar além da espuma dos dias, além das coisas mais politiquieiras. Não há diferença nenhuma na atitude dele.

Via-se a discursar num comício, se surgisse a oportunidade? Sinceramente, não. Se for preciso dizer algumas palavras de circunstância, tudo bem. Mais do que isso, não.

A Michelle Obama fez alguns discursos durante a campanha, assumiu aquele papel. Não... Sim, mas a Michelle Obama é a Michelle Obama... Não é costume as mulheres dos candidatos à presidência da República em Portugal fazerem discursos de natureza política. Aliás, não está na nossa tradição.

O que nos leva ao conceito de primeira-dama, que não existe formalmente em Portugal. A Constituição não reserva às mulheres dos Presidentes um papel institucional em Portugal, mas na prática criou-se essa tradição. Tem um gabinete próprio, mas não tem orçamento. Faz sentido que a mulher do Presidente, se sempre acompanhou e se está disponível... porque não dedicar-se a determinadas causas e contribuir para dar visibilidade a determinados assuntos? Foi o que todas as

“Talvez os homens sejam mais dados à retórica, à intenção. As mulheres devem trazer à política pragmatismo, soluções”

mulheres dos Presidentes da República fizeram antes, e, na minha opinião, têm feito com qualidade. Têm contribuído para o prestígio de Portugal. Tenho muito respeito pela ação que todas elas desempenharam, embora deva dizer que tenho um respeito particular pela dr^a Maria Barroso. Sobretudo pela sua vida, como lutadora de toda a vida, pessoa que — muito longe de imaginar que o marido ia ser isto ou aquilo — em plena ditadura foi sempre uma lutadora, foi sempre uma pessoa que viu a sua vida profundamente alterada pela sua luta pela liberdade. É um caso muito especial entre as mulheres dos Presidentes.

Mas sabemos que não gosta da nomenclatura “primeira-dama”. A Jacqueline Kennedy dizia que parecia um cavalo de sela. Em inglês tem de facto a conotação de nome de cavalo... É verdade, acho que ninguém gosta. Não é uma originalidade nossa, é uma importação. Mas enfim, foi a expressão que se convencionou. Eu prefiro dizer a mulher do Presidente.

Imaginando-se nesse lugar a partir de janeiro, o que poderá fazer a mulher do Presidente? O que tem sido tradicional é dar atenção às causas de natureza humanitária, social, cultural, contribuindo para dar visibilidade a aspetos da sociedade portuguesa que são mais ignorados ou mais desconsiderados e que merecem ser conhecidos. Para além do

do? Penso que sim, é uma oportunidade para as pessoas terem uma noção mais próxima da maneira de ser, estar e pensar dos candidatos, para haver uma relação de proximidade. Os formatos das campanhas podem variar, mas faz todo o sentido que existam.

Esta é uma discussão frequente na política: fará sentido continuar a dar a volta ao país nos moldes tradicionais, fazer jantares, comícios? Será que as pessoas não seguem hoje tudo pela televisão? É uma forma de combater o centralismo pensante lisboeta e o centralismo da comunicação social — de tudo vir mastigado através dos media. Há muita coisa importante que se passa no contacto direto das pessoas com os eleitores, que não tem forçosamente de ser transmitido pela comu-

“Conheci o Manuel em abril de 71 e em julho fomos juntos para a Argélia. (...) Os meus pais ficaram em estado de choque”

contributo do dia a dia, da solidariedade e atenção diária. As mulheres dos Presidentes embora não tenham que ter uma voz ativa em matéria política — e até não devam ter — não significa que não pensem, que não reflitam e que não se preocupem com as questões políticas.

Nesse sentido, é uma conselheira informal do seu marido? Os Presidentes têm os seus conselheiros, assessores, adjuntos... A eles compete-lhes o conselho propriamente dito. **Referia-me a conselheira no sentido mais íntimo, mais pessoal.** Não gosto do termo. Gosto do diálogo. Gosto de ser uma pessoa com quem se pode dialogar com maior à-vontade, sobre temas de toda a natureza, e político inclusive. E, por vezes, talvez até pelo facto de se ser mulher, está-se mais próximo do quotidiano e da realidade e pode-se dar um contributo mais terra à terra.

Mais pragmática? Não é uma questão de pragmatismo político...

...Sinceridade? Exatamente. Os conselheiros podem ter mais a noção das oportunidades políticas, o que é mais oportuno, mais conveniente, etc. Mas a mulher do Presidente, sendo um ser pensante e que não está atingida de nenhuma espécie de *capitis diminutio*, pode dar outro contributo, o da opinião do ser comum.

Sem se preocupar em agradar? Sem ter de medir as palavras e as consequências imedia-

tas do que está a dizer. E é muitas vezes desta informalidade do diálogo que surgem as boas ideias.

E acha possível, a médio prazo, termos uma mulher Presidente em Portugal? Há mulheres que se distinguem imenso na política. Maria de Lourdes Pintasilgo foi uma candidata a Presidente da República, e não tenho dúvidas que se tivesse sido eleita teria sido uma excelente Presidente. Há mulheres que, do 25 de abril para cá, se têm revelado pessoas com muita capacidade para exercer um cargo desses. Não sei se esse momento estará próximo, mas depende também da vontade delas.

São elas que não se chegam à frente para estes cargos de responsabilidade ou são as máquinas partidárias que as travam? As máquinas, de facto, ainda são muito masculinas. Por isso, penso que as quotas são um mal necessário. O Churchill dizia que a democracia era um sistema cheio de defeitos mas ainda não se tinha inventado um melhor, e eu diria que as quotas são exatamente a mesma coisa: ainda não se inventou uma maneira melhor de trazer as mulheres para a política. Acho que um dia haverá uma mulher Presidente, mas, para já, neste momento, não estou a vislumbrar uma com disponibilidade e visibilidade política suficiente para isso.

A Margaret Thatcher dizia que, na sua vida, nunca veria uma primeira-ministra mulher e seis anos depois estava ela própria no lugar. Mas a sua forma de exercer o cargo foi muito masculina. (risos) Essa é outra questão. Para se afirmarem na política as mulheres não têm de se masculinizar. E se algumas mulheres o fazem, fazem-no erradamente. Porque o verdadeiro e original contributo que podem dar na política é exatamente não dispensarem nunca o olhar feminino sobre as coisas.

O que é diferente nesse olhar feminino sobre a realidade? Aqui sim, mais pragmático, se calhar. Não sei se me engano ou não — aliás, cada vez menos tenho certezas absolutas sobre o que quer que seja —, mas as mulheres, por terem uma tradição de gerir o quotidiano, as famílias, têm uma preocupação muito mais da proximidade entre a causa e o efeito, da solução e do resultado, de procurar resolver as coisas. Por tradição, em Portugal, talvez os homens sejam mais dados à retórica, à intenção. As mulheres devem dar esse contributo à política — trazer pragmatismo, soluções. É isso que as pessoas querem hoje.

Porquê? Talvez haja na sociedade portuguesa atualmente um excesso de litigância e um défice de diálogo. As pessoas estão um bocadinho cansadas dessa crispação. Já lhes chega a

dificuldade de gerir o seu próprio quotidiano — a esmagadora maioria dos portugueses vive com enormes dificuldades —, estão cansadas da litigância pela litigância. Os partidos políticos são indispensáveis, mas se algum desprestígio pesa sobre eles é o resultado de uma parte da sua prática — excesso de litigância aliada a algumas demagogias. Isto em períodos de crise é extremamente perigoso, porque as pessoas se afastam. A abstenção não acontece por acaso.

O seu marido vem defendendo a possibilidade de cidadãos independentes se candidatarem à Assembleia da República, para que não seja um monopólio partidário. Sim, simplesmente para que isso seja possível é preciso que sejam os próprios partidos a aprová-lo... isso não é um pormenor despidendo. Davam uma grande prova de maioridade se o fizessem. Mas acho que esses saltos qualitativos dão-se noutro tipo de momentos, talvez não seja este o apropriado. É como as crianças, têm períodos em que engordam e outros em que crescem, as sociedades também. Têm períodos em que é preciso resolver as questões de desenvolvimento, de emprego, e só depois resolver questões de outra natureza. Há uma alternância entre as matérias, não se pode fazer tudo ao mesmo tempo. A cabeça da pessoa comum não está disponível para refletir em tudo ao mesmo tempo.

Lá está o tal pragmatismo feminino... Mudando de assunto, conheceu o seu marido em Paris. Fui para Paris em 1969, com 21 anos, tinha acabado de me formar, e fui trabalhar para o Consulado Geral de Paris. Tirei Ciências Sociais e Políticas e nessa altura foi o pico da emigração portuguesa, falava-se muita da tragédia que era a forma como os portugueses viviam em Paris, os *bidonvilles*. Eu precisava de trabalhar, tinha absolutamente que ganhar a vida, e tive a oportunidade de ir trabalhar para Paris.

Até então vivia com os seus pais? Sim, sim. Fui para Paris, foi um trabalho muito interessante, embora terrível e emocionalmente muito desgastante.

Confrontou-se com histórias muito marcantes? Bastantes. Eram milhares e milhares de portugueses... Fui de comboio e quando cheguei a Austerlitz vi com os meus próprios olhos o poema do meu marido “Vi minha pátria derramada na Gare de Austerlitz”. Era aquilo mesmo: os cestos, os garrações, nem sequer havia malas de cartão, só trouxas. Portugal era assim, eram de tal ordem as diferenças sociais... muita gente mais nova não tem essa noção.

A sua infância foi privilegiada. Sim, superprivilegiada, em todos os aspetos menos num: o

material. Nunca fomos ricos. O meu pai era quadro da administração pública, era diretor geral, a minha mãe era doméstica e tiveram quatro filhos. Viviam-se exclusivamente do ordenado do meu pai. Vivíamos bem, até certa altura, depois houve uma fase mais complicada. Tive uma infância muito feliz, aliás acho que tenho sido privilegiada toda a vida. Sinto-me uma pessoa privilegiada. Tive muita ternura, mas ao mesmo tempo uma boa dose de disciplina, tive acesso à cultura — vivi no meio de gente muito culta. Mas penso que a única coisa que se comprava especificamente para cada filho era os sapatos — herdei sempre a roupa das minhas irmãs.

Havia uma cultura da frugalidade? Sim, sem dúvida. Tive uma educação muito frugal e esses hábitos ficaram-me. Ainda hoje não sou nada consumista, é uma das coisas que me faz confusão nesta sociedade atual. Embora compreenda que houve uma tão grande mobilidade social que haja pessoas que foram privadas de tudo e que agora queiram ter muita coisa. O que provavelmente não têm é a noção da escravatura em que se vão envolver através da aquisição do vício do consumismo.

Passou pela Escola Alemã — ficou-lhe alguma coisa daquela disciplina germânica? Fiz lá apenas o Kindergarten — a escola infantil. Mas veio apenas consolidar a disciplina que tinha em casa, que já era rigorosa... Não tem nada a ver com o que se passa hoje em dia. Era uma educação superternurenta, mas os meninos não berravam, os meninos não se portavam mal à mesa, não diziam “não quero”... isso não passava na cabeça de ninguém. Era uma noção de respeito pelos adultos e pelos pais completamente diferente. Depois, estive nas Doroteias, primeiro nas internas e depois nas externas, e quando acabei o quinto ano quis ir para um liceu misto.

Porque é que escolheu aquele curso no ISCSP? Não era comum... Sou do segundo curso. Foi numa época em que fiz alguma evolução do ponto de vista do contacto com a realidade social... Não podem imaginar o que era a Avenida de Ceuta naquela época, tudo aquilo eram bairros de lata, grutas, buracos onde as pessoas viviam. Como era possível, em plena Lisboa, haver pessoas a viver daquela maneira?! Era muito chocante.

Acabou por ir trabalhar para Paris, e foi lá que conheceu Alegre. Numa fila do cinema, não há nada mais romântico. Naquela época eram milhares de portugueses em Paris, só se ouvia falar português por todo o lado, eram os emigrantes, os refratários, as namoradas dos refratários... Aconteceu de facto assim: estava numa fila do cinema com uma

amiga, ouvi falar português e a minha amiga disse-me: “Não sabes quem é? É fulano e tal...” Uns dias mais tarde conhecemo-nos por coincidência através de amigos comuns. Estávamos em abril de 71 e em julho fomos juntos para a Argélia.

Foi uma coisa fulminante, um *coup de foudre*. Sim.

Viu logo que era o amor da sua vida? Com é que tomou uma decisão dessas, de largar tudo e ir com um revolucionário para Argel naquela altura? Sim, mas acho que essas coisas veem-se, não é? (sorriso interrogador) Esta foi mais uma daquelas decisões solitárias. Era fundamental na minha vida e tomei-a sozinha, não me fui aconselhar com ninguém. **A sua família aceitou bem, sendo uma família**

conservadora? Não estavam casados. Ficaram um pouco em estado de choque. Os meus pais eram conservadores, mas de mente aberta e inteligentes, e colocavam os afetos acima de tudo. Ir sem ser casada, ir com uma pessoa com posições políticas completamente diferentes das deles, tudo isso lhes fez confusão. Uns meses depois de estar em Argel, organizámos um encontro familiar em Madrid para a minha família o conhecer. O Manuel foi clandestino, estávamos em plena época franquista, e foi tiro e queda: entenderam-se logo lindamente, apesar das divergências do ponto de vista político.

O que é que ele tinha que a encantou à primeira vista? Para já, era um belo homem! Tinha, e tem, uns belos olhos. E depois são aquelas



“Há uma imagem errada que passa dele: a de marialva e solitário. Não tem nada a ver com ele, não é nada assim”

afinidades que uma pessoa descobre instantaneamente, coisas que se intuem.

O lado poeta também pesou? Sim, a lenda também pesou. Toda essa aura era cativante.

Mas era a menina ingênua que se apaixonou pelo rapaz revolucionário? Nunca fui uma menina ingênua. Sempre fui — e ainda sou — uma pessoa crédula, o que é diferente. Acredito nas pessoas. Detestava ser uma pessoa desconfiada, deve ser horrível e cansativo estar sempre de pé atrás com as pessoas. Aos 23 anos não era ingênua, já tinha um lastro de vida difícil, já tinha passado por alguns amargos de boca, dificuldades financeiras que vivi em casa dos meus pais numa determinada época... São logo bons pontos de partida para não se ser ingênua. E estar em Paris era muito bonito, mas a solidão não era fácil. Chegar sozinha à noite depois de ter estado em prisões, ou ter de estar às sete da manhã num hospital psiquiátrico, calcorrear *bidonvilles*... era uma coisa dura. Não havia lugar a ingenuidades. Penso que naquela época as pessoas ficavam adultas mais cedo. Eu também tenho um lado muito racional. Sabia perfeitamente ao que ia, e o que representava a decisão de ir para Argel. Representava que não podia voltar a pôr os pés em Portugal enquanto durasse o regime.

Tomou conscientemente a decisão de se exilar. Exato.

Não houve nenhum momento em que se arre-

pendesse enquanto lá esteve? Houve alguns momentos difíceis, sim. De natureza política e não só.

Trabalhou? Sim, trabalhava nos escritórios da Frente Patriótica de Libertação Nacional, na preparação das emissões, e durante um período até fui locutora na rádio.

O vosso primeiro filho nasceu no exílio, dois anos depois de lá estarem. Sozinha, em Argel, não deve ter sido fácil. Não estive sozinha. Tive um apoio importante da minha sogra e também da Estela Piteira Santos e da Dalcina Ferreira da Costa, havia uma solidariedade e coesão muito grande neste pequeno núcleo. E depois, graças a Deus — graças a Deus não, graças aos capitães de abril —, aconteceu o 25 de abril e viemos embora.

Mas era fácil viver em Argel naquela altura? Se calhar era mais fácil naquela altura do que agora. Os fundamentalismos são posteriores. **O facto de ser uma mulher, loira e bonita, nunca a constrangeu?** Havia uma série de inibições, não podia tomar um café ou ir ao cinema sozinha, estava fora de questão. Íamos os dois ao cinema, e eu era a única mulher num cinema a abarrotar.

E havia comida, coisas para o bebé? Faltava certamente muita coisa. Sim, claro. Nos supermercados diziam “maqueche” — não há, paciência, acabou! Mas aos vinte e poucos anos passa-se por cima de uma data de coisas. Não havia alhos franceses, mas havia cebolas ou outra coisa qualquer. Habitávamos-nos a tudo, nenhum português que lá estava vivia angustiado por causa das faltas. O único período angustiante foi quando não havia leite em pó para o bebé em lado nenhum. Fizemos 80 quilómetros para chegar a uma farmácia para comprar leite.

Viveu a angústia de não saber se voltava? Não, não tive tempo. Vivi anos de plenitude do ponto de vista dos afetos, surgiu um filho que foi uma festa, admito que para quem lá estava há mais tempo fosse terrível.

Estava em Argel quando Manuel Alegre foi preso, quase fuzilado. Não, não foi quase fuzilado. Essa é uma história mal contada... há-de ser contada um dia mas não será nesta altura. Mas foi difícil, ainda por cima em pleno período do nascimento do Francisco. Felizmente foram só três ou quatro dias, e depois tudo se esclareceu e não houve mais problemas.

E recorda-se como recebeu a notícia do 25 de abril? Sim, claro. Não tínhamos telefone, e logo de manhã muito cedo um oficial argelino que vivia ao nosso lado toca-nos à porta e disse ao Manuel para ir atender o telefone. Era o Aquino de Bragança, que conseguiu o telefone daquele vizinho, a dar-nos a notícia.



1

“Lisboa está tomada!”, repetia. E depois começou-se a saber, via Paris, com mais detalhe o que se estava de facto a passar. Chegámos a Portugal no dia 1 de maio.

Foi só arrumar a trouxa e voltar? Trouxemos pouca coisa, quase nada. Mas depois voltei lá só para ir buscar os livros. O Manuel tinha muita pena que lá ficassem. Aliás, um dos meus fadários é arrumar livros, andar com eles atrás, descobrir livros, já não tenho mais paredes para ter estantes.

Não tem um catálogo? Não, é uma das coisas que me proponho fazer. O problema agora é que isto só vai lá com uma biblioteca a sério. Não tenho mais paredes para ter estantes.

Já tem a biblioteca de Águeda. E alguns já começaram a ir. Mas o pior (e o melhor) é o amor aos livros: ah, estes não...

Lê muito. Quais são os seus autores favoritos? Há tantos que nos marcam e passam a fazer parte de nós!

É de reler? Volta aos clássicos? Estas férias fiz isso: reli “O Monte dos Vendavais” e “A Pousada da Jamaica”. É muito engraçado. Mas li outros de que gostei: o último livro da Hélia Correia, “Adoece”, um livro fantástico; outro da Helena Marques, “O Bazar Alemão”; “Myra”, da Maria Velho da Costa. E há uma escritora que revisito com regularidade: Yourcenar. Também Philippe Roth. Tenho sempre um livro que estou a ler e quando o acabo fico sempre desasada. Quan-



2

1. MAFALDA, EM CRIANÇA, LAMBUZADA DE FRUTOS SILVESTRES. COLHER AMORAS ERA UM DOS SEUS PASSATEMPOS FAVORITOS
2. COM AS DUAS IRMÃS MAIS VELHAS E O IRMÃO (JÁ FALECIDO)
3. NA ADOLESCÊNCIA



3

do era miúda tive três períodos longos de doença em que estive em casa e, a partir daí, os livros passaram a ser uma companhia essencial. Uma pessoa com um livro nunca está sozinha. Ainda hoje conservo alguns dos meus livros de infância e volta e meia ainda os leio.

Faz-lhe impressão emprestar? Conforme as pessoas. Há algumas a quem pura e simplesmente não empresto. Outras tenho até muito gosto em emprestar, sobretudo livros que sejam difíceis de encontrar, ou a pessoas que gosto que leiam o mesmo que eu li para depois podermos conversar sobre isso. Um dos aspetos importantes da leitura é poder conversar com alguém, ver se a outra pessoa fez a mesma interpretação que eu.

Por falar em interpretação: um dos poemas do seu marido de que mais gosta é o "Debaixo das Oliveiras". É um hino ao nascimento do seu primeiro filho? É, exatamente. É dos que mais gosto. E dos livros gosto muito do "Senhora das Tempestades".

É uma leitora crítica do seu marido? Sou. Às vezes demais.

Ele já deixou de publicar alguma coisa porque não gostou? Não, de maneira alguma. O processo de criação é completamente autónomo. Não sou crítica literária nem tenho pretensões a isso. Sou uma simples leitora: digo se gosto ou não gosto.

E ele aceita bem se lhe diz que não gosta?

Conforme. Mas normalmente gosto, pelo que o problema raras vezes se põe.

Ele já lhe escreveu poemas de amor, só para si? Escreveu. Alguns estão publicados.

Mas é de deixar mensagens no frigorífico? No frigorífico não... de outra maneira. É normal, ou não valia a pena as pessoas viverem juntas 40 anos.

Parece uma crente no amor. É? Sou uma crente nos afetos. Na solidariedade, na cumplicidade. São o cimento da vida. Sem eles não vamos a lado algum.

Só casaram depois do 25 de abril. Foi mais uma questão de dar esse gosto aos nossos pais. Nunca usámos aliança, nunca tivemos.

Nem celebram? Nada. Celebramos o dia em que nos conhecemos, 7 de abril. O dia do registo civil não.

Não adotou o apelido do seu marido. Não fazia sentido: vivi em união de fato quatro anos e ao fim de quatro anos, por causa de um papel passado, ia mudar de nome? Mas também não mudaria. Sempre me identifiquei muito com o meu nome de família, de repente começar a chamar-me outra coisa... a mim fazia-me confusão. O que não significa que, às vezes, quando falo com alguém que me conhece menos bem, não tenha de dizer que sou a Mafalda Alegre, para me situarem.

O rótulo de "mulher de" desagradava-lhe? Não. Sou "a mulher de", não sou?

Porque é que nunca se inscreveu no PS? É

uma questão de relação custo/benefício. Tenho imensa admiração pelas mulheres com militância política, com família e uma carreira. Mas eu pura e simplesmente acho que não conseguia; cada um tem as suas limitações. E estar inscrita para não ter nenhuma militância não fazia sentido. Por outro lado, o peso da atividade política do meu marido já era tão grande que eu também ser militante seria excessivo.

Disse uma vez que ser mulher de Manuel Alegre não era prático no dia a dia, mas era gratificante. Não é muito prático, não. Ele não é do género de maridos que vai para a cozinha, mas na Argélia era muito colaborante. Na fase final da gravidez eu tive de estar sempre deitada e era ele que fazia tudo, não havia cá mulheres-a-dias! Esta enxurrada de política que nos entrou pela vida dentro é que fez com que ele se transformasse e o contacto com a vida portuguesa, tradicional e geracional, não incentiva nada a essa participação. Mas há uma coisa de realçar na maneira de ser dele: é um pai fantástico; tem uma ligação fortíssima com os filhos. Os três sabem que são a coisa mais importante para nós e isso tem tanto a ver comigo como com o pai. Sempre esteve muito presente, muito atento às coisas essenciais do crescimento deles. É de uma generosidade inacreditável, às vezes excessiva. Há uma imagem errada que passa dele: a de marialva e solitário. Não

4



5



6



tem nada a ver com ele, ele não é nada assim. A família (a mulher, os netos) aparece destacada numa foto no livro em que Manuel Alegre explica as razões da segunda candidatura à Presidência da República. Foi com o objetivo de desfazer essa imagem? Ele é profundamente um homem de família. Acho injusto que alguém tenha essa imagem dele. É uma questão de justiça e de clareza, de dizer as coisas como elas são. Ele é tudo menos solitário. Não há pinga de marialvismo nele. Porque ele gosta de pescar, caçar, da natureza, isso faz dele um marialva?

Também caça? Gosto de ir com ele à caça, mas não atiro. Pescar sim, pescava muito, nas barragens. Era um dos nossos programas de fim de semana, de quase todos os fins de semana, mas agora já não há o que pescar... acabou-se. Mas achava importante frisar isto: um marialva é uma pessoa inculta, que só gosta de touros, fados, mulheres, vinho. E, na minha ótica, associada ao miguelismo, a tudo o que há de mais conservador e retrógrado na sociedade portuguesa. Não tem nada a ver com ele. Acho que essa imagem que querem passar dele é intencional, para o denegrir. Da mesma forma quando insistem em dizer "o candidato-poeta". Isto não é dito por acaso, mas para o diminuir.

Ele tem dito que Portugal precisa de poesia. Concorda? Precisa de pão e de poesia. As pes-

soas precisam das duas coisas para viver: precisam de alimento para o corpo e para o espírito.

Mas vivemos numa sociedade que privilegia o material sobre o espiritual. Isso talvez mude. Não é possível manter este estilo de vida criado nos últimos 20 anos. Entrámos em ciclos viciosos e algo vai ter de romper. Não é possível conciliar as pretensões de alguns economistas de baixar salários e liberalizar os contratos de trabalho e querer continuar a incentivar o consumo. É preciso refletir muito sensatamente. Faz falta bom-senso e realismo. É evidente que não vamos recuar à frugalidade salazarista, mas há que perceber qual o nível de equilíbrio entre ordenados, consumo e desenvolvimento económico.

Por isso as pessoas voltaram a emigrar — e a emigração é uma temática que conhece bem. Os portugueses nunca deixaram de emigrar. Atravessámos uns anos largos em que se convencionou que Portugal ia ser um país chique e evoluído que já não exportava mão de obra, os outros é que queriam vir para este oásis. As coisas não são assim. Aliás, estão cada vez pior. A emigração nunca parou e agora aumentou.

E quem sai são trabalhadores qualificados? Eu não diria qualificados. Licenciados. É uma coisa diferente. A emigração portuguesa é a quarta menos qualificada. No mundo inteiro.

Reformou-se, há dois anos, antes do tempo. Porquê? Reformei-me com uma penalização. Achei que tinha chegado a altura de prestar um serviço à Direcção-Geral que era sair. E saí.

Não era propriamente uma adepta das políticas para a emigração que têm vindo a ser seguidas. Pois não. Tem a ver com uma questão de frontalidade e pragmatismo: se sabemos que pessoas emigram porque é que se disfarça, se olha para o lado? Há muita coisa que se pode fazer diferente, pode preparar-se as pessoas. Um licenciado pode ser conhecedor dos seus direitos enquanto cidadão comunitário. Um trabalhador não qualificado não sabe. Mas foi um tema de que me afastei bastante nos últimos dois anos.

Houve alguma história de emigrantes que a tenha marcado particularmente? (longo silêncio) São tão sinistras... as que verdadeiramente me marcaram são terríveis. Não quero vê-las publicadas. E não deixam bem os portugueses. A luta pela sobrevivência, a ganância de ganhar dinheiro depressa... Mas uma coisa positiva da emigração foi a conquista pela mulher de um lugar de independência na família. Na economia portuguesa a mulher não ganhava o dela. Com a emigração passou a ganhar. As mulheres conquistaram um estatuto de independência económica totalmente revolucionário, com efeito multiplicador na sua auto-estima e na auto-

4. EM PARIS, ONDE TRABALHOU NO APOIO À EMIGRAÇÃO NA EMBAIXADA PORTUGUESA, COM 22 ANOS
5. EM ARGEL, COM MANUEL ALEGRE E O FILHO FRANCISCO, RECÉM-NASCIDO
6. FOTO DE FAMÍLIA, COM O MARIDO E OS FILHOS, JOANA, FRANCISCO (DIPLOMATA, ATUALMENTE COLOCADO EM LUANDA) E AFONSO
7. AO LADO DO MARIDO NA CAMPANHA ELEITORAL PARA AS PRESIDENCIAIS DE 2006

7



nomia. Não é por acaso que as mulheres portuguesas emigrantes são das mais ativas a nível europeu.

Nunca lhe passou pela cabeça ter atividade política, a nível da gestão autárquica, por exemplo? Estou reformada e não quero tirar o lugar a ninguém. O que não quer dizer que um dia não possa acordar e equacionar essa possibilidade. Mas o que me preocupa verdadeiramente neste momento é verificar que há elevados níveis de pobreza em Portugal e que o seriam ainda mais se não fossem as ajudas do Estado. Sou completamente contra as teorias de redução dos apoios do Estado. Tem de haver rigor, com certeza, mas tem sobretudo de haver desenvolvimento económico. Portugal é o terceiro país onde o fosso entre ricos e pobres é maior. A riqueza existe, é uma questão da redistribuição! Então é a doutrina social da Igreja? Todos temos responsabilidades e não estou a dizer que os católicos têm mais que os outros, digo é que esta não é uma questão de ser de esquerda ou de direita.

É crente? Tive uma educação católica e qualquer coisa cá ficou. Mas não sou católica praticante. Às vezes rezo uns padres-nossos.

Conta-se que era uma cavaleira exímia. Montei muito a cavalo mas nunca fui exímia. Nunca tive um cavalo. Montava em Mafra, onde era gratuito e aberto a toda a gente. Como passava férias na Ericeira e gostava muito de

cavalos, ia a Mafra, com a minha irmã. Só custava o bilhete do autocarro.

Ainda monta? Parei de montar quando fiquei grávida da Joana. Depois era uma idade já mais complicada para retomar. E hoje, dar um trambolhão aos 62 anos já não teria muita graça. Sempre fiz muito desporto mas nunca fui nada competitiva. Gosto de fazer as coisas bem feitas mas não para competir com o colega do lado. Fiz de tudo: patinagem, vela, natação. O que resta hoje é andar a pé e hidroginástica.

Que mais faz para ocupar o seu tempo? Pintar? Escreve? Tenho umas aulas de pintura, num ateliê. Diverte-me, descontraí-me. E nestes dois anos andei a investigar a história de um objeto que existe cá em casa, que está na família há mais de 50 anos. Deu-me muito gozo, levou-me à Torre do Tombo, a vários arquivos.

Que mais lhe dá prazer? Ver a família reunida, ter a casa cheia. Um bom banho de mar. E gosto muito de viajar, mas isso agora está bastante limitado.

E o que a assusta? O meu avô — o professor Agostinho de Campos, filólogo, dizia que a palavra medo era a última coisa que se devia ensinar a uma criança. E eu acho que ele tem toda a razão. Não tenho medo de nada. Nem da morte, nem da vida. A única coisa que me assusta é pensar nas matérias que estivemos aqui a abordar, o futuro a médio prazo para os meus filhos, netos...

Imagina-se daqui a uns meses cheia de seguranças atrás a fazer as suas compras? Faço tentações de cumprir as regras rigorosamente, mas também de abstrair que eles estão ali.

Está confiante que isso vá acontecer? Estou. Acho que as pessoas, mesmo as que são do seu espectro político, não estão muito satisfeitas com o desempenho do atual Presidente. E, portanto, estão criadas as condições para poder haver surpresas: tudo pode acontecer e não há vencedores antecipados. Estou a falar sinceramente. As pessoas esperam que um Presidente vete aquilo com que não concorda. Para mim é fundamental a ética não ser substituída por pragmatismos.

Está a referir-se à posição do Presidente na lei do casamento entre as pessoas do mesmo sexo? Sim. Se o Presidente era contra, se verdadeiramente isso lhe perturbava a consciência, então devia ter vetado. O veto existe também para isso. O que é política, com P grande, se não a ética? E cada um tem a sua. É uma das coisas de que tenho a certeza absoluta: se o meu marido for eleito, veta aquilo com que não concorda. É uma garantia. No caso do atual Presidente, fico um pouco perplexa: foi assim com a lei

“As pessoas esperam que um Presidente vete aquilo com que não concorda. A ética não pode ser substituída por pragmatismos”

da paridade, do divórcio, das uniões de facto, do casamento entre as pessoas do mesmo sexo. Promulga mas não concorda. Não entendo. Eu sou um bocado conservadora em certas matérias, mas não sou conformista. São duas coisas diferentes: temos de distinguir o que é de conservar e o que é de mudar. Saber fazer essa distinção é um sinal de sabedoria. Não se trata de tolerar, mas de respeitar.

Qual é a sua opinião sobre a adoção por casais homossexuais? Esse é um assunto bastante complexo e devo dizer humildemente que tenho dificuldade em ter uma opinião consolidada sobre essa matéria. Mas as coisas evoluem e essa questão vai ter de ser debatida mais tarde ou mais cedo. As questões que há uns anos se dizia que eram fraturantes afinal não fraturaram nada. Ao princípio as pessoas ficam na expectativa, mas depois vão assimilando e as coisas entram com naturalidade. Fratura verdadeira é o desemprego e o desemprego jovem; fratura entre os que têm e os que não têm. Isso é que me amargura. E amargura a sociedade. Fala-se muito da necessidade de mobilizar os portugueses para vencer a crise. Eu também acho. Mas como? Com responsabilidade social. De todos. Acho que não há outra solução. Talvez seja um bocado ingénuo da minha parte... ■

cligueiredo@expresso.impresa.pt